

A ARTE DE FAZER HISTÓRIA*

GEORGES DUBY (1919-1996)

*Maria Eurydice de Barros Ribeiro***

No inverno de 1996, por ocasião da morte de Georges Duby, Jacques Le Goff, em depoimento ao jornal *Le Monde*, expressou com emoção o “choque pela perda vertiginosa” daquele que foi “o maior medievalista da segunda metade do século XX”¹. Emblema mesmo da historiografia francesa destas últimas cinco décadas, Duby, admirador de Michelet e discípulo fiel de Bloch e de Febvre, personificou como nenhum outro historiador o movimento de renovação metodológica que passou a definir o “fazer História” na França desde a criação dos *Annales*.

A História foi para ele a própria vida, uma fonte inesgotável de prazer e, por isso, não podia ser resumida na interpretação fria dos documentos, escrita com estudada erudição ou imobilizada em sistemas teóricos obcecados por verdades absolutas. Para ele, a documentação possuía vida. O pergaminho oferecia ao historiador a oportunidade de penetrar em um “lugar reservado e secreto”, de cujo “silêncio exalava o perfume de vidas há muito desaparecidas”². No lugar de um discurso pesado de erudição, ele transformou a História em uma obra de arte, cujo estilo aperfeiçoou ao longo de sua vida, imprimindo qualidade à língua e fazendo uso de uma rara capacidade de sedução. Convertendo a escrita da História no lugar possível de expressão de sua independência, ousou escrever para o grande públi-

* Homenagem feita a Georges Duby na mesa de abertura do II Encontro Internacional de Estudos Medievais, Porto Alegre, setembro, 1997.

** Departamento de História - UnB.
Textos de História, v. 5, nº 1 (1997): 118-126.

1 *Le Monde*, 5 de dezembro de 1996.

2 *L'Histoire continue*, Odile Jacob, 1991, p. 35.

co esclarecido, não hesitando em manifestar seu prazer em poder “escapar” do “pequeno mundo universitário”.³

Pioneiro na abertura de várias frentes, encarnou a consciência de uma geração de historiadores, para quem a relatividade do conhecimento histórico se tornou cada vez mais evidente⁴. Declarando seguidamente sua dívida com o marxismo, “um prodigioso instrumento de análise”⁵, não deixou também de afirmar com igual convicção a sua descrença na objetividade do historiador e no absoluto das fontes⁶. Fiel à fórmula de que o testemunho deve ser interrogado, não sobre os fatos que relata, mas sobre a forma como o faz, reafirmou até o final a impossibilidade de acesso ao passado: “ontem, como hoje, a sociedade só mostra de si mesma o que julga correto exibir”⁷.

A leitura dos seus vários depoimentos e entrevistas emociona pela simplicidade e clareza com que se refere a sua infância em Paris, às boas recordações da escola secundária em Mâcon, ao ingresso em 1937 na faculdade de letras de Lyon, onde seu interesse inicial pela Geografia o aproximou da História. Aí, motivado pela leitura dos *Annales* e estimulado por Jean Deniau, definiu seu campo de interesse na Idade Média. Após uma curta passagem pelo ensino secundário, tornou-se assistente na mesma faculdade, dedicando-se à elaboração da tese de doutorado, orientada por Charles Edmond Perrin, antigo companheiro de Marc Bloch em Estrasburgo. Com Perrin, adquiriu a prática de uma erudição escrupulosa, à moda alemã, característica da Escola des Chartes. A tese intitulada *La société au XIe. et XIIe. Siècle dans la région Mâconnaise* inscreveu-se no quadro de um estudo regional influenciado pela Geografia.

Nunca encontrou Bloch pessoalmente, o que todavia não impediu que este tenha sido um guia invisível, sempre presente. O encontro com Febvre veio no outono-inverno de 1944. Bloch e Febvre foram influências decisivas na carreira de Duby, que saboreia em suas lembranças as advertências e conselhos deste último.

3 Pierre Nora, *Essais d'Ego Histoire*, Gallimard, Paris, 1987, p. 135.

4 “Orientations das recherches historiques en France” in: *Mâle Moyen Age*, Flammarion, 1988.

5 *L'Histoire continue*, p. 107.

6 *Dames du XII siècle*, Gallimard, Paris, 1995.

7 *Idem*, p. 11.

Em 1950 iniciou uma carreira universitária exemplar, marcada pelo desejo de autonomia e independência que tão bem transmitiu aos seus escritos. Convidado a ingressar na Sorbonne, permaneceu em Aix-en-Provence que, graças a ele, se tornou um dos principais centros de estudos medievalistas universitários da Europa nos anos de 1950 e 60. Em suas idas a Paris, aproximou-se da 5a. seção da École Pratique des Hautes Études, conhecendo em 1953 Fernand Braudel e logo a seguir Robert Mandrou e Jacques Le Goff, estreitamente ligados, na época, a Braudel. Com o apoio de Mandrou começou a escrever nos *Annales*, seguindo as indicações de Febvre e explorando o então incerto território das mentalidades⁸.

Enquanto Lemerle pressionava-o a ir para a Sorbonne, Braudel não exercia menor pressão para atraí-lo para a École des Hautes Études en Sciences Sociales. Duby, no entanto, resistia, obstinado no desejo de manter sua independência. Apenas em 1970 deixou Aix por Paris. Não o fez nem pela Sorbonne nem pela École, mas pelo Collège de France, onde ocupou a cadeira de História das Sociedades Medievais até 1992. Em sua aula inaugural, *Des Sociétés Médiévales*, reafirmou o “triunfo da História social”, concluindo que “o homem em sociedade constitui o objeto final da pesquisa histórica [...] a história social é, de fato, toda a história”⁹.

Primeiro historiador a entrar na Academia Francesa, a célebre “coupole”, desde a morte de Fernand Braudel, Georges Duby não só foi o representante de uma História universitária rigorosa e erudita, mas também de uma nova metodologia. Erudição e rigor não o afastaram do grande público, cujo reconhecimento veio no início dos anos 80, quando da difusão para a televisão do *Tempo das Catedrais*, consagrado à arte medieval. Desenvolvendo uma verdadeira pedagogia da imagem, o programa conquistou mais de três milhões de telespectadores na primeira difusão. Convencido da importância da TV, olhada até então com desconfiança pela universidade, Duby aceitou presidir o Conselho de Proteção da Sociedade de Edição de Programas de televisão de 1986 a 1993.

8 Pierre Nora, *op. cit.*, pp. 134-135.

9 *Des Sociétés Médiévales*, Leçon inaugurale au Collège de France, Gallimard, Paris, 1971, p. 33.

Fiel a Bloch na máxima de “compreender o presente pelo passado e o passado pelo presente”, Duby não cessou de convocar os historiadores a refletirem sobre os problemas de seu próprio tempo, evitando o confinamento no passado. Segundo ele, os homens e as mulheres que viveram há mil anos não estão tão distantes de nós, o que certamente, permite estabelecer analogias, porém, são com as diferenças que aprendemos mais¹⁰. Confrontando o passado com o presente, Duby declarou sobre a morte:

*“Quando ninguém duvida da existência de um além, a morte é uma passagem que deve ser celebrada com cerimônia entre parentes e vizinhos. O homem da Idade Média possuía certeza de não desaparecer completamente, aguardando a ressurreição. Porque nada pára e tudo prossegue na eternidade. A perda contemporânea do sentimento religioso fez da morte uma prova aterrorizadora, um balançar nas trevas e no desconhecido. A solidariedade em torno da passagem da vida desapareceu, e hoje apressamo-nos em nos desvencilhar do cadáver. Mais do que a morte, nossos ancestrais temiam o julgamento, o castigo do além e os tormentos do inferno. Um medo do invisível sempre presente, bem implantado nas profundezas do homem de hoje, o faz vacilar diante da impotência face ao seu destino.”*¹¹

Reticente em ser considerado um historiador da Idade Média e mesmo quanto à expressão Idade Média – “quem pode pretender abraçar um milênio?”¹² – Duby preferia ser definido como um historiador do mundo feudal, ao qual dedicou uma pesquisa rigorosa, incansável, mas sempre levada a cabo com prazer.

O ponto de partida foi a tese *La société au XIe. et XIIe. siècle dans la région Mâconnaise*¹³ em que foram definidas as questões – o que é a sociedade feudal? – a periodização – o século XI e XII – o espaço – a França do Norte –, nos quais toda sua obra futura se inscreveria. Escrita no contexto de uma época em que a História se encontrava mais próxima da Geografia e da Economia e tendo como

10 *L' an Mil, l' an deux Mille, sur les traces des nos peurs*, Textuel, Paris, 1995, p. 13.

11 *Idem*.

12 Entrevista concedida a *Le Débat*, Paris, novembro-dezembro de 1996, nº 92, p. 53.

13 *La société au XIe. et XIIe. siècle dans la région Mâconnaise*, Sevpen, 1953.

fonte de inspiração *A sociedade feudal* de Marc Bloch, a tese distinguiu-se pela originalidade em identificar o regime feudal pela predominância do senhorio castelão e ao propor uma cronologia que, partindo do ano mil, diferia de Bloch¹⁴.

Originalidade, criatividade, são traços marcantes da obra de Duby e se revelam sobretudo no tratamento concedido às fontes e no distanciamento que tomou em relação a uma metodologia definida *a priori*. Todavia, ao declarar sua desconfiança com relação à teoria, ele manifestou também, por mais de uma vez, sua crença na impossibilidade de o historiador abordar a documentação livre de idéias pré-concebidas. Segundo ele, toda sua pesquisa foi pensada dentro de um “quadro conceitual” construído “com base na idéia de que a sociedade é um sistema, cujos elementos solidários se articulam”¹⁵.

A economia, a arte, a ideologia, as relações de parentesco, a sexualidade, a historiografia, a biografia constituem as várias frentes abertas quase sempre com pioneirismo por Duby que defendeu a primazia da História social, cujo ponto de convergência se encontraria entre uma História da civilização material e uma história mental coletiva. As *mentalidades*, conceito consagrado no célebre escrito para o volume da *Pléiade*, organizado por Charles Samaran, foi mais tarde abandonado por Duby que, partindo da Geografia e insatisfeito com os métodos da Economia, avançou em direção à Etnografia e à Antropologia. O reconhecimento da Geografia sempre acompanhou Duby, que é autor de vários atlas históricos. Para além dos livros publicados individualmente, organizou várias coleções que sinalizaram igualmente a mudança de temática e de método.

A classificação desta vasta obra é por ele mesmo realizada no itinerário transmitido nas autobiografias ou nas diversas entrevistas concedidas. O primeiro momento dedicado à História econômica foi influenciado pelo marxismo e pela leitura assídua de Althusser. Pertencem a esta época *A economia rural e a vida nos campos* e *Guer-*

14 Marc Bloch, em *A sociedade feudal*, data o início do regime feudal por volta de meados do século IX. Uma “segunda idade feudal” começaria no século XII. Para Duby o ponto de ruptura se situa no ano mil. A expressão “revolução feudal” utilizada por Duby em sua tese foi recentemente contestada por Dominique Barthélemy em *La Société dans le Comté de Vendôme de l’an mil au XIV siècle*, Paris, Fayard, 1993.

15 *L’Histoire Continue*, p. 106.

reiros e camponeses¹⁶. No primeiro, Duby abandonou as fronteiras da França para, num esforço deliberado, estabelecer uma ampla síntese sobre a economia rural na Europa medieval dos séculos IX ao XIII. No segundo ensaio, recuou a cronologia até o século VII e baseou-se quase que inteiramente nos conceitos de classe e de relação de produção. Privilegiando sempre o diálogo com a fonte, manifestou, então, sua desconfiança pelo “abuso do determinismo” e pela “rigidez das estruturas”¹⁷, advertindo o leitor quanto às dificuldades próprias a uma história da economia medieval, cuja documentação restrita ao fechado círculo da Igreja carece de dados numéricos. A ausência de tais informações impossibilita, segundo ele, o historiador de fundamentar consistentemente a sua análise, demonstrando o quanto pode ser precária a aplicação de modelos construídos pela economia moderna.

Ao longo das reflexões subseqüentes Duby concluiria que “colocar os fenômenos sociais como simples prolongamento dos fenômenos econômicos é reduzir o campo de interrogação, é empobrecer singularmente a problemática e renunciar a perceber claramente determinadas ligações de forças essenciais”¹⁸.

O ato de interrogar a fonte no quadro de uma história-problema caracteriza toda a obra de Duby, cujos momentos de desvio, ou mesmo de ruptura, ocorreram na produção de trabalhos fora do circuito universitário e que se destinaram ao grande público. Foram eles os livros sobre a arte¹⁹, *O ano mil*, *O domingo de Bouvines* e *Guilherme, o Marechal*.

Adolescência da cristandade, A Europa das catedrais e Fundamentos de um novo humanismo, publicados a convite das edições Skira de Genebra, assinalaram na carreira de Duby não só a explora-

16 Historiador da economia, Georges Duby foi convidado para escrever na coleção *World Economic History* organizada por Charles Wilson. A versão francesa deste ensaio foi publicada em 1973 com o título de *Guerriers et Paysans*. Na Inglaterra Duby ligou-se principalmente a Rodney Hilton e aos historiadores de “Past and Present”. Faz parte ainda do período voltado para a economia a organização da *Histoire de la France rurale*.

17 *L'économie rurale et la vie des campagnes dans l'occident médiéval*. Flammarion, Paris, 1962, vol. II, p. 15.

18 *Des Sociétés Médiévales*, pp. 10-11.

19 *Adolescence de la chrétienté occidentale, 980-1140. L'Europe des Cathédrales, 1140-1280. Fondements d'un nouvel humanisme, 1280-1440*. Skira, Genebra, 1966-1967.

ção de uma nova temática, a arte, mas o início do desenvolvimento de um estilo cuidadoso que aprimorou ao longo dos anos. A arte sempre ocupou uma parte importante de sua vida. Ao escrever para o grande público, ele buscou compartilhar a sua própria emoção face à obra de arte. Desvencilhando-se das notas de pé de página, das citações de arquivo, mas não do uso criterioso das fontes, com rigorosa erudição, passou a introduzir o leitor nos procedimentos da pesquisa, outro traço que passaria a caracterizar sua obra. Fiel à concepção de que a sociedade deve ser pensada como um sistema dinâmico, demonstrou de que forma a arte insere-se no todo de uma organização social, chamando a atenção dos historiadores da arte quanto às relações que se formam entre “a história dos monumentos” e “as outras histórias”, relações que aqueles que se dedicam ao estudo do significado das obras de arte não podem ignorar.

Se os livros sobre arte abriram para Duby a via para o desenvolvimento de um estilo próprio, *O ano mil*, escrito para a coleção *Archives*, constitui o prelúdio de uma nova etapa. Tal como o escultor “que ao trocar a madeira pelo mármore” necessita de novos instrumentos²⁰, afastando-se dos diplomas, cartas, inventários e testemunhos breves para se dedicar à análise de narrativas e de poemas, Duby se convenceu da inutilidade de interrogar as fontes sobre as condições de vida material no ano mil. “O cotidiano não interessa de forma alguma, nem aos historiadores, nem aos cronistas e ainda menos aos analistas”²¹. A análise dos seus escritos e testemunhos fornecem, porém, “uma contribuição insubstituível à história das atitudes mentais e das representações da psicologia coletiva”²². Cada texto se relaciona com sistemas de valores, com modelos de comportamento, que expressam a forma como seus autores se preparavam para afrontar o que para eles foi “a nova primavera do mundo”²³.

A gestação de *O ano mil* resultou no esboço de uma história das ideologias, cuja reflexão foi desenvolvida em um capítulo da trilogia *Faire de l'Histoire* (traduzida no Brasil com os títulos de *Histó-*

20 *L' an Mil, l' an deux Mille, sur les traces des nos peurs*, Textuel, Paris, 1995.

21 *Idem*, p. 26.

22 *Idem*, p. 26.

23 *Idem*, p. 26.

ria: novos problemas; História: novas abordagens; História: novos objetos), organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora²⁴, e mais tarde no *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*²⁵ produzido no decorrer de um seminário do Collège de France e influenciado pela obra de Georges Dumézil.

Com *O domingo de Bouvines*, Georges Duby surpreendeu a todos ao propor o retorno do acontecimento e da história política, banidos do território do historiador pela Escola dos Annales. Demonstrando, através de uma antropologia da guerra feudal, a relação complexa entre a história e a memória, ele afirmou então, que os acontecimentos são como “a nata da história”²⁶. Bouvines assinala na obra de Duby uma dupla ruptura. Ruptura com a forma universitária de fazer História – “*Bouvines c’était pour moi la liberté*”²⁷. E ruptura mais profunda, no nível da erudição, no tratamento concedido à fonte, cuja natureza exigia uma nova abordagem. Mais do que o acontecimento, o olhar atento do historiador buscou no testemunho a forma como o acontecimento foi narrado. A ruptura se processava na reconstrução dos discursos elaborados pela sociedade feudal como um todo, ou por tal grupo em particular, assinalava-se por uma mudança radical na temática, que deixava para trás a história econômica para se dedicar ao estudo das ideologias, da sexualidade, abrindo novas frentes²⁸.

A cadeira assumida por ele no Collège de France foi, na feliz expressão de Jacques Le Goff, um verdadeiro farol²⁹ cuja luz não só guiou os medievalistas, mas também os outros historiadores. Instigado pela leitura dos antropólogos e motivado pelas bruscas mudanças que atingiam a família contemporânea, Duby elegeu como tema, para o seminário universitário 1973/74, as estruturas de parentesco e sexualidade na cristandade ocidental. Apoiado nos conceitos da antropologia elaborou um estudo rigoroso das regras matrimoniais

24 “Histoire sociale et idéologies des sociétés” in: Jacques Le Goff e Pierre Nora, *Faire de l’Histoire, Nouveaux Problèmes*, Gallimard, 1974, pp. 147-168.

25 *Les trois ordres ou l’imaginaire du féodalisme*, Gallimard, Paris, 1978.

26 *Le Dimanche de Bouvines*, Paris, 1973, p. 14.

27 Entrevista concedida a “Le Débat”, p. 185.

28 *Idem*, p. 186.

29 Jacques Le Goff, *Le Monde*, 5 de dezembro de 1996.

concebidas pela Igreja latina no quadro da oposição violenta da duas moralidades: a dos guerreiros e a dos padres. De tal estudo resultou *O cavaleiro, a mulher e o padre*³⁰.

Ao mesmo tempo em que se preocupava com a reabilitação da história “*événementielle*”, “pelo quê o acontecimento pode revelar e que sem ele permaneceria despercebido”³¹, a biografia também passou a chamar a atenção de Duby, que considerava que o homem, ao deixar para trás vestígios importantes de sua passagem, tornava-se, da mesma forma que o acontecimento, um elemento revelador. O lançamento de *Guilherme, o Marechal* mais uma vez surpreendeu o meio universitário. Não se trata de uma obra para especialistas, diriam alguns. Duby retomava a narrativa e dedicava-se a um estudo biográfico. Longe, porém, de uma biografia tradicional, a história-problema se mantinha e a vida de Guilherme servia de pretexto para ele mais uma vez colocar a questão fundamental que norteou toda sua obra: o que é a sociedade feudal? O marechal, personagem excepcional e como tal reconhecido por seus contemporâneos, permitia através de sua relação com a glória, a honra e as mulheres ver como funcionava a sociedade cavaleiresca. Ao mesmo tempo, o campo da análise deslocava-se de uma antropologia social para uma psicologia mais individual, pessoal, desenvolvida plenamente em *Damas do Século XII*.

Utilizando os mesmos textos de *O cavaleiro, a mulher e o padre* e respondendo a uma antiga questão aí formulada – qual o papel das mulheres na sociedade feudal? – a abordagem mais psicológica e intimista desenvolvida com grande estilo resultou na trilogia que encerra sua obra. O projeto chegava ao seu termo e a missão estava cumprida.

30 *Le chevalier, la femme et le prêtre*, Hachette, Paris, 1981.

31 Entrevista a “Le Débat”, p. 187.